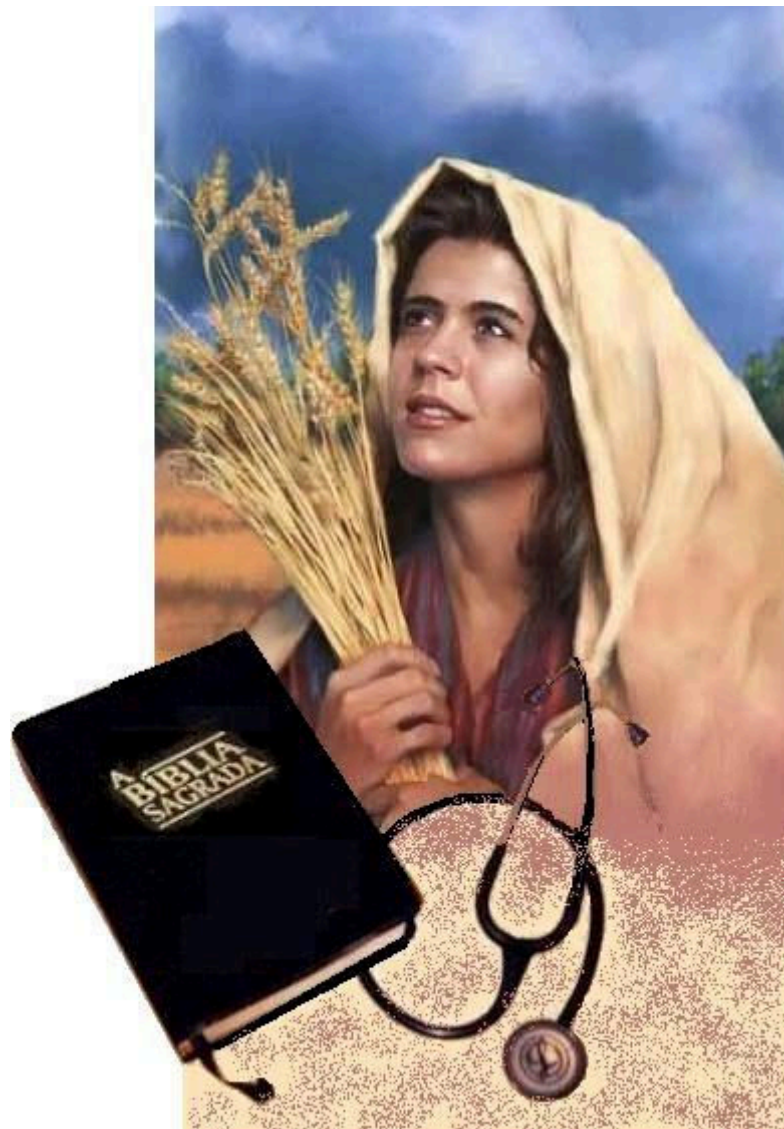


RUTE, O COMEÇO DE

UMA NOVA VIDA



*Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape*

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

*RUTE, O COMEÇO DE
UMA NOVA VIDA*



*Ministério Seara Ágape
Ensino Bíblico Evangélico*

*TÂNIA CRISTINA GIACHETTI
SÃO PAULO – SP – BRASIL – 2005*

Este livro é dedicado aos que foram feridos, magoados, desrespeitados, enganados, traídos, assolados e abusados por desejarem amar e ser amados e implantar o reino de Deus na terra, mas que têm dentro de si a força desse amor maior para erguer a cabeça, seguir em frente e glorificar o nome dAquele que os resgatou das trevas para Sua maravilhosa luz.

Agradeço a Jesus Cristo, que com Seu sangue me resgatou de fortes inimigos e me chamou para ser Sua companheira, restituindo-me do que me foi tirado e me dando o que nunca tive. A Ele, que me deu um sonho, seja a glória, o poder e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém.

INTRODUÇÃO



O livro de Rute é um livro profundo que nos leva a reavaliar nosso caminho de vida e nos impulsiona a deixar o que é velho e seguir em frente para conquistarmos os lugares de honra e vitória que Deus já separou para nós. Ele nos mostra que deixar as raízes implica uma verdadeira revolução nas estruturas interiores e em uma luta para desapossar todo Principado das nossas vidas. Todos nós nascemos comprometidos com alguma coisa que de alguma forma dá legalidade ao inimigo de agir sobre o que é nosso. O maior exemplo disso são as maldições hereditárias e de sentença e os conhecimentos que adquirimos em contato com o mundo. Somente quando nos entregamos conscientemente para Jesus é que somos realmente resgatados, tendo direito a escrever uma nova história de vida.

Como Rute, vivi momentos de grandes mudanças e transformações interiores e, logicamente, grandes guerras, ao ser chamada por Deus para assumir uma posição espiritual e uma missão específica, deixando a medicina após dezoito anos e oito meses de exercício dela. Era a terceira tentativa (1991, 1999 e 2003), pois a sensação de chamado já tem muitos anos, mas só naquele momento me senti preparada para a entrega e para a ação e com a força para ir até o fim. Não foi uma simples entrega de um emprego, porém, uma entrega profunda e uma transformação importante dentro do meu eu, implicando outras mudanças e libertações em todas as áreas para eu poder assumir a identidade planejada por Deus e a liderança da terra que Ele tinha separado para mim. Eu me deparei com os conflitos interiores, com as mentiras e com a oposição humana que custa a deixar os preconceitos e os egoísmos e teme ousar coisas novas e apoiar os que decidem mudar de vida e ‘virar a mesa’.

A ação resgatadora de Deus derrubando as barreiras e me enchendo com Seu amor trouxe a vitória e a transformação.

Talvez o seu chamado para ser Rute seja mais ‘light’, por isso não se assuste se o Espírito Santo abraçá-lo (a) e chamá-lo (a) de ‘minha Rute’. Responda *sim* a Ele. Ele sabe o que está fazendo. Está transformando você num (a) grande proprietário (a) de uma imensa terra.

Boa leitura. Amo você em Jesus.

Tânia Cristina

A HISTÓRIA DE RUTE





A TERRA DAS DOZE TRIBOS

A HISTÓRIA DE RUTE



— Estamos prontos para começar? Então vamos lá. Como vai, Rute? Tudo bem?

— Hein?

— Sim, é com você que estou falando, leitor!

— Mas eu não me chamo Rute.

— Eu sei. Você pode ser homem ou mulher e ter qualquer outro nome, mas, por favor, leia o livro até o final e aí você vai entender porque o (a) chamei de Rute. Vai desejar ser Rute.

— O que é, então, ser Rute?

— É uma longa história. *Rute* é um nome hebraico e significa: *amiga, companheira, fiel, vistosa*. Ter a unção de Rute é o desejo de Jesus para a Sua Igreja, pois é ter aliança firme com o *Resgatador* da nossa alma.

O livro de Rute, na tradição judaica, foi escrito pelo profeta Samuel, mas também se cogita ser de autor desconhecido. É símbolo de aliança, casamento, mudança de vida; também fala sobre o estrangeiro e logicamente sobre nós, os gentios. A história é vivida há mais ou menos 1375–1050 AC (período dos juízes; muito provavelmente 1170-1169 AC – Gideão como juiz) e é lido na festa das colheitas, no Pentecostes, para os judeus, chamada de *SHAVUOT*.

O livro de Rute é pequeno, comparado com outros livros da bíblia, mas é um dos livros mais cheios de segredos e revelações de Deus para nós.

Belém de Judá é uma cidade na parte montanhosa de Judá chamada *Efrata*. É diferente de Belém, outra cidade na tribo de Zebulom. De Belém de Judá saíram Noemi e Elimeleque, seu marido, para habitar em Moabe porque houve fome na terra. O interessante é que *Belém* significa “*casa de pão*” e simboliza a dependência de Deus.

O tempo dos juízes foi uma época bastante conturbada para o povo judeu. Josué já havia morrido e as gerações posteriores não conheceram o Senhor nem as obras que Ele fizera a favor de Israel (*Jz 2: 10; 16-19*). Nessa época em que a fome material e espiritual reinava, Noemi e Elimeleque se mudaram para Moabe com seus filhos, Quiliom e Malom.

Parece contraditório que alguém que se chama Elimeleque, cujo significado é ‘*meu Deus é rei*’, e Noemi, que significa ‘*meu deleite, deleitosa, ditosa, amável, formosa*’, tenham filhos que se chamam: Quiliom (*definhamento; ansiedade; consumpção – como numa doença debilitante; ruína acabada*) e Malom (*franzino, adoentado, doença*). Provavelmente, eram o retrato da fome e da escassez que acontecia em Israel e que causou uma conformação física e emocional doente, com ansiedade e baixa resistência física. Podemos extrapolar essa deformidade para o espiritual também, onde o conhecimento da Palavra parecia escasso e detido por alguns sacerdotes apenas, mas o povo não tinha acesso a ele e vivia na idolatria. Quando o suprimento físico e material faltam, principalmente na área da alimentação, é óbvio o quadro de desnutrição protéico-calórica que se instala, inclusive afetando o aprendizado e a inteligência. Mas

quando o suprimento de fé, paz, amor e compreensão faltam pela escassez e pelo desconhecimento da palavra de Deus, as conseqüências emocionais e espirituais podem ser trágicas, deformando o caráter, matando os sonhos, dificultando os relacionamentos sadios, destruindo a família e gerando todo o tipo de deformação da personalidade, que abre brechas espirituais para a assolação e a destruição. Só o amor verdadeiro poderá trazer cura, libertação e resgate.

Moabe era o nome da terra do descendente de Ló (*Gn 19: 37*), de seu relacionamento incestuoso com a filha mais velha. *Moabe* significa: *desejo, família de um pai*. Era irmão de *Ben-Ami* ou *Amom*, descendente do incesto de Ló com a filha mais nova e significa: *filho de meu povo (Ben-Ami) e artesão (Amom)*. Eram, portanto, povos aparentados com Israel. O casamento entre moabitas e judeus não era proibido pelo Senhor; apenas, os moabitas e amonitas eram proibidos de entrar no tabernáculo (*Dt 23: 3-4*), não propriamente pelo pecado de incesto dos seus ancestrais, e sim porque alugaram Balaão para amaldiçoar os israelitas (*Nm 22: 1-6*). Aqui, eu quero fazer um parêntese para trazer uma revelação de Deus. Note bem que o Senhor não os proibiu de entrar no Seu santuário, ou seja, em Sua presença, pelo pecado da carne deles, mas por terem amaldiçoado o povo que Ele tinha abençoado. Isto significa que todas as vezes que amaldiçoamos os ungidos e os escolhidos de Deus somos impedidos por esse nosso pecado de entrar em Sua presença. Então, nos sentimos afastados e tristes, pois não podemos gozar de Sua bênção sobre nós. Essa comunhão só pode ser restaurada quando reconhecemos nosso pecado e pedimos perdão ao Senhor; a partir daí, nossa responsabilidade passa a ser a de quebrar com a nossa própria boca as maldições por nós proferidas.

Quiliom se casou com Orfa, moabita, cujo nome significa: *vigor juvenil*, entre outros (*pescoço, juba, gazela*); aparentemente, alguém que compensaria seu espírito definhado e arruinado. Malom (*adoentado*) se casou com Rute (*amiga, companheira, fiel, vistosa*). O deus dos moabitas era Camos (*Quemós*), adorado com o sacrifício de crianças. Rute, nos dez anos em que viveu com Malom, não teve filhos, o que nos leva a pensar que era estéril (*Rt 1: 4; Rt 4: 10*), embora não se possa descartar a possibilidade de a esterilidade ser de Malom, pois o ‘adoentado’ era ele. Com certeza, sua origem idólatra e o contato constante com uma pessoa adoentada, estéril e pessimista devem tê-la afetado também ou, na melhor das hipóteses, devem tê-la feito meditar na sua própria vida e nas suas circunstâncias, levando-a mais tarde a tomar a decisão de conhecer o verdadeiro Deus, o Deus de Noemi, se ver livre dessa contaminação e ter uma nova chance de ser feliz.

Até aqui, o que podemos dizer é que quando falta o suprimento espiritual verdadeiro e os relacionamentos são insatisfatórios, doentes ou pecaminosos, os resultados são: morte, esterilidade, assolação, privação e perda de sonhos. O crescimento é impedido pelas prisões e cadeias do diabo. Foi o que aconteceu principalmente com Noemi, Rute e Orfa após a morte dos seus maridos, mas ao ouvir falar da misericórdia de Deus para com o Seu povo, Noemi decidiu voltar à sua terra de origem, Belém de Judá. Espiritualmente falando, depois de passar por muita tribulação e provação, um verdadeiro deserto, lembrou-se de um Deus vivo e verdadeiro que poderia restituí-la de tudo o que havia perdido.

Aqui, então, entra um assunto interessante que se chama fidelidade, lealdade e aliança. Orfa era fiel, mas sua fidelidade era apenas humana, portanto, voltou a Moabe, àquilo que ela conhecia. Quem é fiel apenas à carne, mas não tem aliança no espírito, em outras palavras, quem só ama com o amor humano, tem ponte com o passado e fica com a alma comprometida com aquilo de onde foi tirada.

Rute, ao contrário, fez com Noemi e com o Deus de Noemi uma aliança espiritual, e sua declaração em *Rt 1: 16-17* foi uma verdadeira conversão, pois deixou a velha vida, sua família e arriscou uma nova história e uma nova família: “Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerá eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti”. Portanto, tomou a decisão e não voltou atrás. Ficou firme e destruiu a ponte com o passado. É assim que acontece com quem tem verdadeira aliança espiritual com Jesus.

Chegando a Belém, porém, Noemi trouxe uma marca de amargura em seu coração (*Rt 1: 20-22*): “Porém ela lhes dizia: Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso. Ditosa eu parti, porém o Senhor me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o Senhor se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido? Assim, voltou Noemi da terra de Moabe, com Rute, sua nora, a moabita; e chegaram a Belém no princípio da sega de cevada”. Ela trouxe essa amargura pelas circunstâncias extremamente contrárias e cheias de roubo, perda, desolação e opressão espiritual que a envolveram em terra estranha, impedindo-a de manter sua característica original de *feliz, ditosa e venturosa*. O interessante é que Deus não tratou inicialmente com ela; talvez, a ferida fosse muito profunda e dolorosa e ela não lhe permitiu tocá-la naquele momento. Mas o Senhor a deixou curar-se naturalmente no convívio com sua terra e seus costumes de origem, costumes mais sadios que os de Moabe, até sará-la por completo através de Rute. Pelo contrário, a atenção de Deus se voltou para Rute por causa do Seu propósito soberano na vida dela: fazê-la uma ascendente de Davi.

Você notou que tenho dado um enfoque especial ao significado dos nomes, pois, para os judeus, o nome de alguém é o que vai determinar o seu traço de personalidade e caráter.

Em *Rt 2: 2* (“Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele que mo favorecer. Ela lhe disse: Vai, minha filha!”), podemos perceber mais um traço no caráter de Rute que era a iniciativa e a disposição para o trabalho, além do seu desejo de se integrar àquela nova comunidade. Ela sabia que se não trabalhasse, não haveria sustento, nem para ela nem para sua sogra. Ela não se importava com o tipo de trabalho, se parecia humilhante para os outros ou não.

Respigar era o ato de ajuntar os grãos esquecidos pelos ceifeiros e era algo permitido na lei de Moisés como um sistema de previdência social: “Quando, no teu campo, segares a messe e, nele, esqueceres um feixe de espigas, não voltarás a tomá-lo; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será; para que o Senhor, teu Deus, te abençoe em toda obra das tuas mãos. Quando sacudires a tua oliveira, não voltarás a colher o fruto dos ramos; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será. Quando vindimares a tua vinha, não tornarás a rebuscá-la; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será o restante. Lembrar-te-ás de que foste escravo na terra do Egito; pelo que te ordeno que faças isso” (*Dt 24: 19-22*). Mas, o que sobrava para o pobre era, em geral, muito pouco: “Será, quando o segador ajunta a cana do trigo e com o braço sega as espigas, como quem colhe espigas, como quem colhe espigas no vale de Refaim. Mas ainda ficarão alguns rabiscos, como no sacudir da oliveira; duas ou três azeitonas na ponta do ramo mais alto, e quatro ou cinco nos ramos mais exteriores de uma árvore frutífera, diz o Senhor, Deus de Israel” (*Is 17: 5-6*).

Respigar era uma maneira zombeteira de expressar *dependência da provisão divina*. Rute estava, literalmente, vivendo pela fé. Ela respigava as espigas e as ajuntava entre as gavelas, nome dado ao feixe de espigas. Ela era uma simples ‘catadora de

canto', porém a providência divina já a tinha colocado no campo de Boaz, o resgatador de Noemi. *Boaz* significa: *força, firmeza*, e é a figura de Jesus. Deus tinha um objetivo para Rute e um prêmio pela sua fidelidade. Não a queria como uma 'catadora de canto', e sim, como 'a dona do campo'. O campo de Boaz fica a mais ou menos mil e seiscentos metros a leste de Belém, contíguo ao *Campo dos pastores*, onde o nascimento de Jesus foi anunciado àqueles que cuidavam das ovelhas. Quero abrir um parêntesis aqui para falar um pouco das funções do resgatador de uma família; para isso, transcrevo literalmente o texto encontrado na bíblia de estudo Vida, 2ª edição, versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida, página 409:

O Resgatador (também chamado 'vingador' ou 'parente-redentor') era um parente não tão distante, influente, a quem a família podia em geral recorrer quando a sua linhagem ou os seus bens corressem o risco de ser perdidos. Ele deveria:

- Comprar de volta a terra da família vendida em tempos de crise: "Se teu irmão empobrecer e vender alguma parte das suas possessões, então, virá o resgatador, seu parente, e resgatará o que seu irmão vendeu" (*Lv 25: 25*).

- Resgatar parentes escravizados: "Quando o estrangeiro ou peregrino que está contigo se tornar rico, e teu irmão junto dele empobrecer e vender-se ao estrangeiro, ou peregrino que está contigo, ou a alguém da família do estrangeiro, depois de haver-se vendido, haverá ainda resgate para ele; um de seus irmãos poderá resgatá-lo; seu tio ou primo o resgatará; ou um dos seus, parente da sua família, o resgatará; ou, se lograr meios, se resgatará a si mesmo" (*Lv 25: 47-49*).

- Garantir um herdeiro para o irmão morto: "Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará, e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado. O primogênito que ela lhe der será sucessor do nome do seu irmão falecido, para que o nome deste não se apague de Israel. Porém, se o homem não quiser tomar sua cunhada, subirá esta à porta, aos anciãos, e dirá: meu cunhado recusa suscitar a seu irmão nome em Israel; não quer exercer para comigo a obrigação de cunhado. Então, os anciãos da sua cidade devem chamá-lo e falar-lhe; e, se ele persistir e disser: Não quero tomá-la, então, sua cunhada se achegará a ele na presença dos anciãos, e lhe descalçará a sandália do pé, e lhe cuspirá no rosto, e protestará, e dirá: Assim se fará ao homem que não quer edificar a casa de seu irmão; e o nome de sua casa se chamará em Israel: A casa do descalçado" (*Dt 25: 5-10*).

- Vingiar a morte de um parente: "O vingador do sangue, ao encontrar o homicida, matá-lo-á. Se alguém empurrar a outrem com ódio ou com mau intento lançar contra ele alguma coisa, e ele morrer, ou, por inimizade, o ferir com a mão, e este morrer, será morto aquele que o feriu; é homicida; o vingador do sangue, ao encontrar o homicida, matá-lo-á" (*Nm 35: 19-21*).

- Tomar conta de parentes em circunstâncias difíceis (*Jr 32: 6-25*).

A idéia de resgate (Resgatador) é também usada em referência a Deus e à redenção de Israel por Ele efetuada:

- *Êx 6: 6-8*: "Portanto, dize aos filhos de Israel: eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus que vos tiro de debaixo das cargas do Egito. E vos levarei à terra a qual jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vò-la darei como possessão. Eu sou o Senhor".

- *Jó 19: 25*: "Porque eu sei que o meu redentor vive e por fim se levantará sobre a terra".

- *Sl 19: 14*: “As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu”.

- *Sl 69: 18*: “Aproxima-te de minha alma e redime-a; resgata-me por causa dos meus inimigos”.

- *Is 43: 1*: “Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu”.

Nessas passagens, Deus é o parente mais próximo de Israel, surgindo para trazer a nação de volta à Sua família, já que o próprio povo não tinha condições para isso. A palavra ‘Resgatador’ ou ‘Redentor’ é também empregada como um prenúncio da vinda do Messias (*Is 59: 20*: “Virá o Redentor a Sião e aos de Jacó que se converterem, diz o Senhor”). Cristo é o nosso parente próximo que veio nos comprar de volta para a família de Deus. No NT o conceito de *resgate* revela-se nos vários sinônimos de *resgatar*, que transmite a idéia de: pagar um resgate, fazer uma aquisição ou reaver o que se perdeu.

Boaz foi benigno com Rute, dando-lhe proteção, ordenando aos servos que não tocassem nela, orientando-a que seguisse o que as servas dele fizessem e dando-lhe porção de água e alimento como se ela trabalhasse para ele. Deu ordem, também, aos seus servos que a deixassem colher um pouco mais para que sobrasse para ela e para a sua sogra. Boaz foi receptivo e bondoso com ela, pois ela fora buscar auxílio no lugar certo (*Rt 2: 12*: “O Senhor retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do Senhor, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio”) e porque viu nela fidelidade e uma mudança real de atitude (*Rt 2: 11*: “Respondeu Boaz e lhe disse: Bem me contaram tudo quanto fizeste a tua sogra, depois da morte de teu marido, e como deixaste a teu pai, e a tua mãe, e a terra onde nasceste e vieste para um povo que dantes não conhecias”). Podemos notar até aqui que Boaz foi respeitoso e deixou que Rute fosse gradualmente ocupando sua posição, vencendo sua timidez e adquirindo perseverança e autoconfiança, pois era estrangeira, nunca tinha feito aquele trabalho antes e corria o risco de rejeição, segregação e até abusos. Após sua conversão, ela estava passando por um período de cura através do Espírito Santo, fortalecendo-a para ocupar o lugar que Deus já tinha determinado para ela e preparando-a para assumir uma aliança com o resgatador.

Vejo também que, em todo o tempo em que rebuscou espigas, Rute foi trabalhada e liberta do espírito de pobreza e miséria, da idolatria e das distorções da sua autoimagem, que poderiam impedi-la de assumir sua posição de honra naquela sociedade.

A bíblia não faz referência quanto ao tempo decorrido entre os acontecimentos; só diz que chegaram à Belém no início da sega de cevada (*Rt 1: 22*). Geralmente a colheita de cevada precede a do trigo e começa por volta do dia 14 do mês de *Zive ou 'Iyyar*, que corresponde a abril-maio. A páscoa começa no dia 14 do mês anterior, o primeiro mês do calendário judaico religioso, o mês de *Abibe ou Nisã*, que corresponde a março-abril. Por volta do dia 6 do mês de maio-junho (mês de *Siwã*) ocorre o Pentecostes ou Festa das Semanas (sete semanas após o início da colheita), comemorando o fim da colheita de trigo: “Sete semanas contarás; quando a foice começar na seara, entrarás a contar as sete semanas. E celebrarás a Festa das Semanas ao Senhor, teu Deus, com ofertas voluntárias da tua mão, segundo o Senhor, teu Deus, te houver abençoado. Alegar-te-ás perante o Senhor, teu Deus, tu, e o teu filho, e a tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita que está dentro da tua cidade, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva que estão no meio de ti, no lugar que o Senhor, teu Deus, escolher para ali fazer habitar o seu nome. Lembrar-te-ás de que foste servo no Egito, e guardarás estes estatutos, e os cumprirás” (*Dt 16: 9-12*). Em *Rt 2: 23* está escrito que Rute trabalhou no campo de Boaz até que a sega do trigo e da cevada se acabou: “Assim, passou ela à companhia das servas de

Boaz, para colher, até que a sega de cevada e do trigo se acabou, e ficou com sua sogra”. Mas não fala quanto tempo decorreu depois até o final da história, até o nascimento de Obede.

A bíblia também não conta os detalhes emocionais que aconteceram na vida de Rute nesse tempo de adaptação, porém, podemos imaginar, pelo nosso próprio crescimento com Deus, que não foi fácil esquecer e mudar os hábitos de origem, lidar com suas heranças familiares e espirituais, e deixar para trás as lembranças ruins da velha vida. Com certeza, o que facilitou o processo foi o amor e o cuidado de Noemi e Boaz e sua própria vontade de ter uma nova vida e uma nova chance. Noemi também esperou por sinais de autoconfiança e maturidade em Rute para sugerir a idéia de casamento com Boaz e, portanto, um resgate mais profundo para as duas: “Disse-lhe Noemi, sua sogra: Minha filha, não hei de eu buscar-te um lar, para que sejas feliz? Ora, pois, não é Boaz, na companhia de cujas servas estiveste, um dos nossos parentes? Eis que esta noite alimpará a cevada na eira. Banha-te, e unge-te, e põe os teus melhores vestidos, e desce à eira; porém não te dês a conhecer ao homem, até que tenha acabado de comer e beber. Quando ele repousar, notarás o lugar em que se deita; então, chegarás, e lhe descobrirás os pés, e te deitarás; ele te dirá o que deves fazer. Respondeu-lhe Rute: Tudo quanto me disseres farei” (*Rt 3: 1-5*).

Em *Rt 3: 7-8; 13-14*, a bíblia fala que Rute se deitou aos pés de Boaz, o que significava um pedido cerimonial de casamento e lhe pediu que estendesse a *capa (kanaph)* sobre ela (*Rt 3: 9b*). No hebraico, a palavra *kanaph* tem vários significados como: *capa, manto (como em 1 Sm 24: 5 – quando Davi corta a borda do manto de Saul), asas, alado (pássaro), extremidade, borda, canto da veste, camisa*. Neste caso de Rute, refere-se a um costume associado aos *pedidos de casamento (no caso da mulher) e um sentido de posse, de aquisição (para o homem)*, pois *kanaph* também tem a conotação de *cobertura, domínio, posse, proteção*, dando a entender que, mais do que casamento, aquele era um *pedido de proteção*. Em *Rt 3: 9*, está escrito: “Disse ele: Quem és tu? Ela respondeu: Sou Rute, tua serva; estende a tua capa sobre a tua serva, pois tu és resgatador”. A transliteração hebraica é: “vayyo'mer miy-'âttvatto'mer 'ânokhiy Ruth 'amâthekha uphârastâ **khenâphekha** `al-'amâthkhakiy **gho'êl** 'âttâh”. **Goel (gho'êl)** é um termo hebraico que vem do verbo *ga'al* (redimir), portanto, *gho'êl* significa *resgatador*, o que na bíblia e na tradição rabínica denota uma pessoa que, como parente mais próximo de outra, está encarregado do dever de restaurar seus direitos e vingá-la dos danos causados a ela. Assim, quando ela diz: “Estende a tua capa sobre a tua serva, pois tu és resgatador” (*Rt 3: 9 b*), ela quer dizer: “Estende as tuas asas” ou “Toma-me sob tua asa de proteção”, mostrando-nos também a força que tem um compromisso de casamento para um judeu. A mulher recebe a proteção do homem e ele a recebe como um bem precioso, não no sentido pejorativo de posse de um objeto material como se interpreta hoje. Um se torna um complemento para o outro. Boaz declara que ele está disposto a redimi-la através do casamento, mas informa a ela que há outro parente do sexo masculino que tem o primeiro direito de resgate. Ele também usou o mesmo termo anteriormente, quando disse que Rute confiava em Deus ao buscar refúgio sob suas *asas (Rt 2: 12)* ou *manto*. Espiritualmente, *manto* significa: *unção, proteção, cobertura do sangue da aliança sobre nossa vida*. É aquele momento de decisão em que vamos ocupar lugares espiritualmente mais altos, em que precisamos de uma maior proteção, uma unção maior e capacitação do Espírito Santo. Talvez esse casamento esteja se referindo ao batismo no Espírito Santo ou a um derramar maior dEle.

Boaz não decepcionou Rute; pelo contrário, tomou o seu manto e o encheu com suprimentos e a mandou de volta à cidade. É o que Jesus faz por nós, quando pela fé

assumimos o compromisso com Ele e Lhe pedimos ajuda; Ele não só nos confirma Sua promessa como aumenta nossa união, pois vencemos mais um desafio para chegar até Ele e até a nossa bênção.

Rute correu alguns riscos: por exemplo, pôr em risco sua reputação e a reputação de Boaz. Tanto uma como outra eram, sem sombra de dúvida, impecáveis. Naquela época, poderia haver vandalismo e roubo na colheita, por isso, Boaz se deitou ao pé de um monte de cereais para tomar conta de sua propriedade. Aquele cereal poderia servir de alimento para muitas pessoas se ele o vendesse. É como Jesus faz. Ele é o dono das nossas bênçãos e do nosso alimento. Ele é que garante nosso tesouro dos ladrões, é o que protege nossas promessas; só o que temos a fazer é ir até Ele e pedir o que necessitamos.

Nossos preconceitos, medos, timidez, orgulho e outras coisas semelhantes devem ficar para trás e devemos correr o risco de conhecê-lo melhor e de Lhe pedir, de verdade, o que queremos. Aqui eu quero alertar também para o fato de haver ação demoníaca dificultando, distorcendo e impedindo nossa compreensão de Deus, de como Ele é verdadeiramente, criando muitas vezes no mais escondido do nosso ser o temor desmedido dEle, que faz com que desconfiemos de Suas boas intenções a nosso respeito e achemos que Ele não nos ama, não nos ouve ou não dará o que estamos pedindo. A raiz da religiosidade, arraigada profundamente em muitas pessoas, distorce Sua imagem, transformando-o num Deus dominador, opressor, cobrador, punitivo, sério, sofredor, pesado ou num Deus omissivo e ausente que não se importa na verdade com a nossa miséria humana e até ri dela, o que leva muitas pessoas a optarem pelo ateísmo ou pelo espiritualismo impessoal onde Ele deixa de ser uma pessoa, de ter identidade, e se transforma apenas em uma energia positiva. A imagem que temos do nosso pai carnal (distorcida pelo diabo), também pode nos trazer a imagem distorcida de Deus. Ao voltar para casa e contar para Noemi, Rute recebeu a confirmação da determinação e do caráter perseverante de Boaz (*Rt 3: 18*: “Então, lhe disse Noemi: Espera, minha filha, até que saibas em que darão as coisas, porque aquele homem não descansará, enquanto não se resolver este caso ainda hoje”). Quando fazemos nossos pedidos a Jesus e Lhe confiamos nossa causa, Ele não descansa até que Seu trabalho em nós se complete para recebermos o que nos pertence. Também trabalha nas circunstâncias ao nosso redor para que, o mais breve possível, tudo possa estar clareado, pois viu em nós fé e determinação.

Vejo algo além de um pedido de casamento ou proteção no fato de Rute se deitar aos pés de Boaz; vejo submissão e entrega à sua vontade (mais um traço no caráter de Rute), pois ela e Noemi sabiam que havia um resgatador mais próximo que poderia ocupar o lugar de Boaz nas negociações (*Rt 4: 1-10*), mas resolveram confiar nele e em Deus. Esse resgatador, figuradamente é o pecado que tenta nos prender de volta nas suas tramas, nossas heranças familiares que tentam nos trazer de volta à origem, em resumo, tudo o que tenta nos manter presos a Satanás e à lei ao invés da graça.

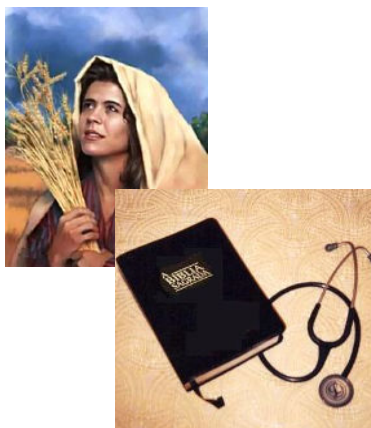
Na verdade, o casamento deveria ser com Noemi, não com Rute, pois ela era a viúva de Elimeleque e a terra era dela (*Rt 4: 3*: “Disse ao resgatador: Aquela parte da terra que foi de Elimeleque, nosso irmão, Noemi, que tornou da terra dos moabitas, a tem para venda”); porém Noemi já não tinha possibilidade de ter filhos para suscitar descendência, portanto, coube a Rute ocupar o lugar de matriarca da família. Deus a abençoou e ela gerou um filho que daria continuidade à linhagem dos resgatadores na família, além do que foi um meio de restaurar a alegria a Noemi e tirar a amargura do seu coração, pois ela se viu restituída e justificada. O nome do bebê foi *Obede* que tem vários significados: *servo de Deus, adorador e Ele restaurou*. Em outras palavras, quando entregamos nossa vida para Jesus e buscamos uma mudança real de vida, aquilo

que era estéril se torna fértil, o que é amargo se torna doce, o que era assolação e fracasso se transforma em realização e o que era escasso e insuficiente se transforma em abundância. Rute, de ‘catadora de canto’ se transformou em a ‘dona do campo’ porque se casou com seu proprietário. Ao casarmos emocional e espiritualmente com Jesus, toda a Sua seara, todo o Seu reino, passa a ser nosso por herança.

Muito provavelmente o sonho de Rute era ser feliz, ter uma nova família e ser mãe, ser restituída, honrada e amada, ser acolhida na sociedade, mesmo sendo estrangeira; em resumo, fazer parte do grupo. O sonho do nosso coração pode ser ter filhos, biológicos ou espirituais, ter a realização profissional ou ministerial, ser alguém útil a Deus e à sociedade, ser aceito e amado, ter de volta o que perdemos ou ter aquilo que nunca tivemos. Quando isso é conquistado com a ajuda de Jesus, acontece o que aconteceu com Rute: geramos um *Obede*, ou seja, nós e nosso sonho passamos a *ser servos de Deus*, Seus instrumentos aqui na terra, por isso podemos ser verdadeiros adoradores porque *Ele nos restaurou*.

Não há lugar para a amargura (*Mara – Rt 1: 20*) e para a frustração quando a bênção de Deus chega plena e completa sobre as nossas vidas. Também o inverso é verdadeiro; não podemos ter uma bênção grande de Deus com amargura e frustração no coração. Por isso, o enfoque da história foi sobre Rute, pois através do seu crescimento e do seu testemunho, Noemi foi curada e restaurada. É interessante perceber que dentro de nós, podemos ter uma *Rute* e uma *Noemi*; *Noemi*, uma velha criatura (carne) que foi privada de amor, alimento, compreensão, luz de Deus, de uma vida mais leve e que foi assolada, destituída, enviuvada, frustrada e que acabou por se amargurar. E também temos uma nova criatura, uma *Rute*, o nosso espírito, que decide nascer de novo, fazer a vontade de Deus e ter força para recuperar o que nos foi perdido ou roubado. É com o nosso espírito que Jesus faz uma aliança e, através dele, nossa carne (nossa *Noemi*) passa ser mudada e curada das feridas do passado.

Que a paz e o amor do Senhor sejam o estandarte sobre a sua vida.



O seu estandarte sobre mim é o amor

